

# As cores da fauna e da flora: um dicionário especial composto por cromônimos

(The colors of fauna and flora: a special dictionary composed of chromonyms)

Sabrina de Cássia Martins<sup>1</sup>, Claudia Zavaglia<sup>2</sup>

Universidade Estadual Paulista (UNESP/IBILCE)

martins\_sabrina@ig.com.br, zavaglia@ibilce.unesp.br

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo tratar de algumas considerações surgidas no processo de elaboração de um dicionário especial composto por expressões cromáticas, encontradas dentro dos domínios da Botânica e da Zoologia, bem como apresentar o modelo de macro e micro-estrutura formulados. Nossos esforços estão concentrados na busca por uma estrutura simples, completa e que seja a mais adequada para o público-alvo, isto é, os especialistas e estudantes ligados à área do meio ambiente.

Palavras-chave: dicionário especial, léxico da Biologia, expressões cromáticas.

**Abstract:** This work aims to talk about some considerations arisen from the process of elaboration of a special dictionary composed of chromatic phrases found in Botanic and Zoology domains, as well as to present its macrostructure and microstructure. Our efforts are concentrated on creating a simple and complete structure, which may be the most adequate for the audience, i.e., for specialists and students connected to the Environment area.

**Key-words:** special dictionary, lexicon from Biology, chromatic phrases.

## Introdução

O léxico é o conjunto dos signos linguísticos que representa toda a experiência cultural de uma sociedade, sendo por isso considerado o saber vocabular partilhado que está sujeito a todas as influências sócio-históricas desse povo. É um sistema aberto, estando, portanto, em constante expansão. Entendido como um sistema linguístico, pode ser subdividido em diversos outros microssistemas que caracterizam e nomeiam realidades de uma determinada comunidade. Um desses microssistemas é composto pelos nomes de cores.

Abrangendo combinações fixas das mais variadas naturezas, as expressões cromáticas (doravante EC) estão presentes tanto na nossa linguagem comum, compartilhada pelos falantes da língua, denominando fatos do nosso dia a dia, sensações e emoções, como também nas linguagens de especialidade, nomeando acontecimentos sócio-históricos, processos, compostos químicos, seres orgânicos e inorgânicos, entre tantos outros.

Nos subdomínios da fauna e da flora, por exemplo, as cores são presença constante na denominação das espécies, designando funções diversas e refletindo a variação intra-específica ou fatores ambientais.

---

1 Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto/São Paulo.

2 Livre-Docente em Lexicografia e Lexicologia pela Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto/São Paulo.

A grande frequência de tais expressões nos subdomínios acima mencionados, aliada à importância dada ao meio ambiente no cenário mundial, nos incentivou a formular um dicionário especial composto apenas por essa fatia especial do léxico.

## **Lexicografia especializada e dicionários especiais**

O dicionário é uma herança cultural transmitida entre as gerações e ampliada, à medida que novas palavras são criadas pela comunidade (BIDERMAN, 2001). Mais que um livro de consulta, é um ponto de referência, correspondendo às exigências de informação e de comunicação dos falantes. Além disso, é visto como instrumento pedagógico, pois tem como objetivo educar, respondendo a questões sobre o emprego das palavras, sua aceitabilidade e denotações/conotações (ZAVAGLIA, 2009).

Embora exista uma ampla tradição lexicográfica, foi só na segunda metade do século XX que suas reflexões críticas e metodológicas tomaram proporção. Até esse momento, a lexicografia permanecia à margem das reflexões e avanços da linguística moderna, sendo considerada por esta uma prática artesanal, cujo caráter científico era constantemente contestado.

Nesse mesmo período, surge o interesse na compilação de obras temáticas e especializadas. Isso se deve a fatores como a dificuldade de se abranger todo o léxico de uma língua numa única obra e a complexidade de se manter uma equipe de profissionais qualificados durante o tempo necessário de elaboração da mesma. Aliado a esses fatores, temos o advento da ciência e da tecnologia que, com a globalização, proporcionou a criação de diversos vocabulários, ligados às mais diversas áreas do saber científico, que necessitam de rápida difusão.

No que diz respeito à composição dos dicionários especiais, Cabré (1993) avança que, comparado aos dicionários gerais que têm algumas características fixas, a presença de qualquer outra característica que se distancie do padrão dá ao dicionário o caráter de especial ou específico. Bergholtz e Tarp (1995) salientam que a Lexicografia Especializada, assim como a Terminologia, também trabalha com o léxico especializado, abordando algumas características especiais, por exemplo, a) um modelo de macroestrutura sistemático, que organiza as entradas de acordo com os campos semânticos aos quais pertencem, b) equilibra-se entre o caráter descritivo e prescritivo, c) visa tanto à decodificação quanto à codificação, sendo ótimas fontes de consulta para uma área específica. Para os autores,

Como uma parte especial da lexicografia em geral, a Lexicografia Especializada trabalha com as terminologias; a Lexicografia Especializada trabalha tanto com macroestruturas sistemáticas quanto alfabéticas, decidindo de acordo com cada caso qual é a mais apropriada; a Lexicografia Especializada deve necessariamente num grau maior ou menor ser tanto descritiva quanto prescritiva; a Lexicografia Especializada destina-se ao público em geral e aos especialistas; a Lexicografia Especializada prepara dicionários com fins de codificação como de decodificação. (BERGENHOLTZ; TARP, 1995, p. 11, tradução nossa)

É dentre as obras lexicográficas especializadas que se enquadra este trabalho, visto que

- 1) Aborda o vocabulário pertencente a um determinado campo de estudo, a saber, da Biologia, em particular a Botânica e Zoologia;

- 2) É composto por ECs, microsistema lexical característico da linguagem comum, cada vez mais presente nas línguas de especialidade;
- 3) É dedicado a um público específico, os especialistas e estudantes da área do meio ambiente;
- 4) Seu modelo de macroestrutura é onomasiológico, estando em concordância com os pressupostos taxonômicos;
- 5) As informações contidas na microestrutura são específicas da área e a definição transita entre os modelos lexicográfico, terminológico e enciclopédico.

No tocante ao processo de elaboração de obras lexicográficas especiais, este exige do lexicógrafo o planejamento detalhado da obra, de forma a atender às expectativas e necessidades do público-alvo. Sendo assim, é preciso ponderar a metodologia mais adequada e segui-la rigorosamente. A seguir, descreveremos a metodologia adotada para a elaboração do *Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da fauna e flora*.

## **Dicionário Onomasiológico de Expressões Cromáticas da Fauna e Flora**

### **A Macroestrutura: composição da nomenclatura**

Trata-se de um dicionário cuja macroestrutura é composta por expressões cromáticas, isto é, um sintagma nominal que contém em seu interior um nome de cor que pertença a um dos seguintes subdomínios cromáticos: *vermelho, verde, azul, amarelo, preto, branco, cinza, marrom, rosa, alaranjado, roxo, violeta e anil*. Além disso, a expressão deve estar localizada dentro dos domínios da Zoologia, especificamente dos *vertebrados* (anfíbios, répteis, peixes, aves e mamíferos) e da Botânica, especialmente das *angiospermas* (dicotiledôneas).

Para a coleta das ECs, partimos, primeiramente, de duas obras lexicográficas monolíngues brasileiras: o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (HOUAISS, 2009) e o *Novo dicionário eletrônico Aurélio* (FERREIRA, 2010). Aliado a esses dois dicionários, fizemos uso também do *Dicionário brasileiro de botânica* (PEREIRA; PUTZKE, 2010), do *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exóticas cultivadas* (CORRÊA, 1926), do *Dicionário das plantas úteis do Brasil* (CRUZ, 1979), do *Dicionário zoológico* (TIERNO, 1954), e do *Dicionário dos mamíferos do Brasil* (CARVALHO, 1979).

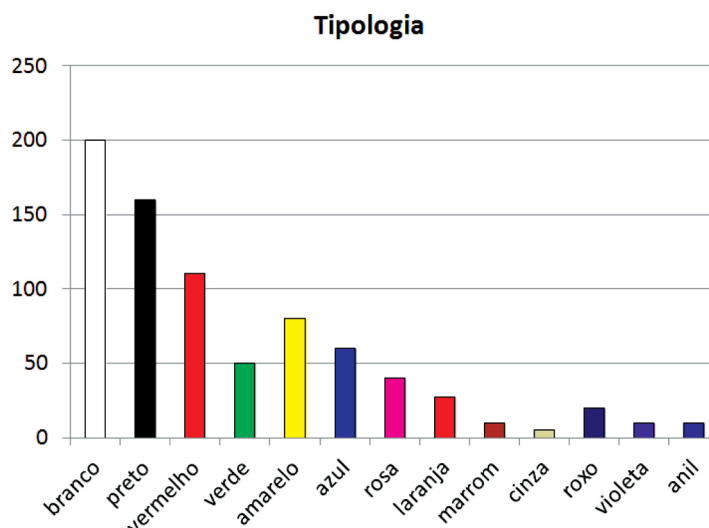
Tal levantamento tem sido aprimorado à medida que seguimos com a pesquisa por meio de consultas em *sites* da web, tais como revistas eletrônicas especializadas, *sites* do governo relacionados ao meio ambiente, *sites* sobre as propriedades medicinais das plantas e de espécies em extinção, etc., bem como consultas a dicionários e glossários *on-line*, tais como a *Avibase*, a *Biota neotropica* e a *Flora brasiliensis*.

A título de exemplificação, listamos a seguir alguns dos itens encontrados até o momento:

**Quadro 1: Exemplos de expressões cromáticas pertencentes à fauna e à flora**

Expressões cromáticas	Reino Planta Angiospermas	Reino Animal Vertebrados
<b>Branco</b>	abeto-branco, abóbora-branca, açai-branco, amoreira-branca, loiro-branco;	anambé-branco, andorinha-de-rabo-branco, anu-branco, beija-flor-de-papo-branco, lavadeira-de-cabeça-branca, rolinha-branca;
<b>Preto</b>	caapiá-preto, cabeça-de-negro, coração-de-negro, feijão-preto, jurema-preta;	badejo-preto, boca-preta, coruja-preta, garoupa-preta, urso-negro;
<b>Vermelho</b>	aroeira-vermelha, bicuíba-vermelha, bredo-vermelho, cacho-vermelho, caeté-vermelho;	bodião-vermelho, boto-vermelho, garça-vermelha;
<b>Amarelo</b>	ameixa-amarela, batatão-amarelo, camaru-amarelo, juá-amarelo;	bagre-amarelo, moreia-amarela, periquito-de-testa-amarela;
<b>Verde</b>	caroba-de-flor -verde, coração-verde, feijão-verde, heléboro-verde, ingá-verde;	beija-flor-de-garganta-verde, japu-verde, Martim-pescador-verde, moreia-verde;
<b>Azul</b>	loto-azul, maracujá-azul, tento-azul, tremoço-de-flor-azul;	donzela-azul, frango-d'água-azul, juriti-azul, saí-açu-azul;
<b>Anil</b>	anil-bastardo, anil-bravo, anil-trepador;	----
<b>Roxo</b>	angico-roxo, cambará-roxo, espinho-roxo, gervão-roxo;	anambé-roxo, bico-roxo;
<b>Violeta</b>	cipó-violeta, pau-violeta, violeta-africana;	beija-flor-de-orelha-violeta;
<b>Cinza</b>	----	tubarão-cinzentado-da-Groenlândia, tartaranhão-cinza, boto-cinza;
<b>Marrom</b>	----	donzelinha-marrom;
<b>Rosa</b>	cedro-rosa, dedal-de-rosa, ipê-rosa, jambo-rosa, loiro-rosa, malva-rosa;	pescada-rosa, boto-cor-de-rosa, camarão-rosa, congro-rosa;

**Gráfico 1: Ocorrências dos subdomínios cromáticos**



Como pode ser observado a partir do quadro e do gráfico acima, a maior parte das expressões insere-se no subdomínio *branco*, seguido por *preto*, *vermelho*, *amarelo*, *azul* e *verde*. Os subdomínios *anil* e *marrom* foram encontrados, até o momento, apenas no domínio da Flora e em pequena quantidade. Também nesse domínio, é comum encontramos expressões cromáticas de diferentes campos como sinônimos da mesma espécie, por exemplo, o vermelho e o rosa (araçá-vermelho e araçá-rosa).

### A Macroestrutura: o modelo onomasiológico

O modelo de macroestrutura é o onomasiológico, composto por um esquema simples e completo que está de acordo com os princípios da Sistemática, ramo da Biologia que também se serve dos princípios da Onomasiologia para categorização das espécies. Segundo Amabis e Martho (2001), a proposta desse ramo é nomear os seres de forma que seus nomes os agrupem de acordo com as características em comum, identificando-os e proporcionando seu estudo. Desse modo, foi criada uma classificação decrescente que vai do *Reino* (mais genérico) até a *espécie* (mais específico). O sistema taxonômico permite, então, o agrupamento dos seres vivos conforme o grau de parentesco e possibilita ainda compreender a sua evolução. O modelo de dicionário onomasiológico, por sua vez, possibilita a permanência desse agrupamento, facilitando a pesquisa.

Tal estrutura foi configurada com o auxílio de um profissional da área de ciências biológicas e gerou um modelo de macroestrutura ordenado de acordo com os grupos hierárquicos, a saber:

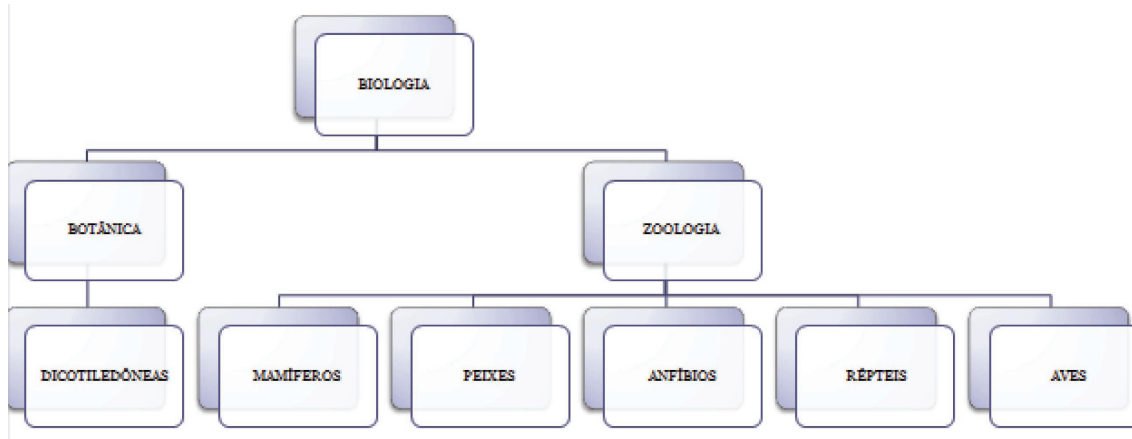
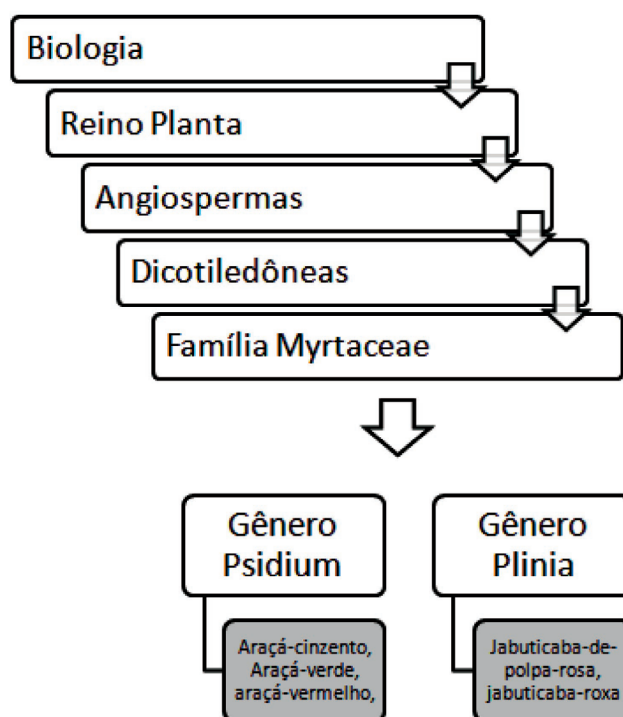


Figura 1: Modelo onomasiológico de macroestrutura

Como exemplo, citamos a classificação do item “araçá”, dentro do dicionário:



**Figura 2: Classificação das expressões cromáticas dentro da macroestrutura**

As famílias são separadas de acordo com a classe às quais pertencem e conforme suas características fundamentais. Dentro de cada família, as entradas são ordenadas alfabeticamente.

### A Microestrutura

A microestrutura é a base do dicionário, por isso pretendemos formular um modelo que atenda às expectativas do público-alvo, que seja de fácil compreensão e que reúna o máximo de informações possíveis em uma definição redigida de forma clara, além de exemplos de uso e sinônimos. Dessa forma, propomos que o verbete seja composto:

- pela palavra-entrada, no caso a expressão cromática;
- por informações linguísticas sobre o cromônimo, tais como classificação gramatical e plural irregular;
- nome científico da espécie;
- definição do cromônimo. No que diz respeito à definição, destacamos que ela é uma mistura de definição lexicográfica, visto que parte do gênero ou hiperônimo para as características específicas, terminológica, pois aborda as informações necessárias para a compreensão de um conceito, e enciclopédica, já que descreve as relações do objeto com o mundo real. Como o dicionário é destinado diretamente a especialistas das ciências biológicas, além de outras áreas afins, a definição é composta pela terminologia da área, reunindo informações específicas que diferenciem a EC de outras espécies da mesma família, porém sem trazer informações muito gerais.

- Contextualização real do cromônimo. Para a extração dos exemplos, fizemos uso do *corpus* web. Considerada uma revolução dos meios de comunicação, a web proporciona não só a conexão entre as pessoas, como também o compartilhamento de informações. Para Berber Sardinha (2003, p. 192), “o conjunto das interações e informações disponibilizadas na rede, continuamente, dia a dia, em qualquer parte do mundo em que a infraestrutura esteja presente, resulta num gigantesco *corpus* dessa interação”. A fim de apontar para o uso das expressões cromáticas tanto na linguagem comum quanto na especializada, destacando o seu funcionamento em ambas as formas de comunicação, concluímos que a web seria o *corpus* ideal, pois contém uma grande variedade linguística que vai desde publicações acadêmicas até blogs e fóruns de discussão.
- Sinônimos da EC, quando encontrados.

Assim, teremos o seguinte modelo de verbete:

**EXPRESSÃO CROMÁTICA** [inf. linguísticas] *nome científico*; ● definição  
 → contexto em linguagem especializada ⇔ contexto em linguagem comum  
**SINÔNIMOS**

Figura 3: modelo de verbete

Tal modelo dará origem a verbetes como:

REINO PLANTAE; DIVISÃO: MAGNOLIOPHYTA  
 ORDEM: MAGNOLIALES; FAMÍLIA: MYRISTICACEAE

**BICUÍBA-BRANCA** [s.f.; pl. bicuíbas-brancas; var. bicuíba branca] *Virola bicuhyba*, *Virola officinalis* ● Planta nativa do Brasil que pode ser encontrada nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste, geralmente em florestas pluviais. É uma árvore de porte médio, podendo chegar a 25 m de altura. Apresenta folhas simples, inteiras, alado-pecioladas, ovado-oblongas; flores apétalas dispostas em racimos axilares; fruto baga drupácea, globosa e pequena. Sua madeira é de coloração pardo-clara, passando a vermelho-pardacenta com o decorrer do tempo; é moderadamente pesada, resistente e durável, sendo fácil de trabalhar. → Sua área de ocorrência é na floresta pluvial que se estende de Pernambuco ao Rio de Janeiro, ocorrendo no Parque Florestal do Rio Doce (MG) alguns exemplares de 50 m de altura e 0,72 m de diâmetro e, na mesma área, ocorre uma espécie afim, denominada **Bicuíba branca** (*Virola officinalis*). ⇒ O gênero *Virola* é bem representado por outras espécies, nas demais regiões do país, principalmente na zona litorânea, desde o Estado do Espírito Santo até o Estado de Santa Catarina, conhecidas por **BICUIBA-BRANCA**, **BICUÍBA-ROSA**, **BUCUVA** e **BUCUVUÇU** e, eventualmente, por **VIROLA**. **SIN. BICUÍBA-REDONDA, BICUÍBA, BUCUVA, BUCUVUÇU, VIROLA, BICUIBAÇU**

<http://ipr.dnit.gov.br/manuais/Manual%20de%20Vegetacao%20Rodoviaria%20-%20VOLUME%201.pdf>  
<http://www.refrima.com/pag/ucuuba-branca.html>

**UCUUBA-BRANCA** [s.f.; pl. ucuubas-brancas; var. ucuuba branca] *Virola surinamensis* ● Planta nativa do Brasil que pode ser encontrada nas margens alagáveis dos rios e igapós, como também em várzeas, principalmente nos estados do Acre, Amazonas, Rondônia, Roraima, Amapá, Pará, Tocantins, Maranhão e Ceará e nos países da Amazônia Central. É uma árvore de grande porte, medindo aproximadamente 30 a 35 m de altura e 60 a 100 cm de diâmetro, com troncos retos, horizontais. As folhas são alternas, dísticas, curto-pecioladas e simples; a lâmina possui formato oblongo, oblongo-lanceolado ou lanceolado, consistência coriácea, de 10-25 cm

de comprimento e 2-5 cm de largura; as flores são de coloração amarelo-pálido. Sua madeira possui textura média; alburno de coloração creme-claro; e cerne mais escuro, variando do levemente rosado ao castanho-vermelho intenso. É empregada em construção de interiores, carpintaria, marcenaria e na fabricação de caixas, palitos de fósforo, laminados, compensados, celulose e papel. → O resultado mostrou que na análise sensorial feita com as espécies não houve diferença estatística ( $P > 0,05$ ) entre as madeiras *angelim-rosa* (*Platycamus regenellii* Benth, 1974), *muiracatiara* (*Astronium lecointei* Ducke, 1988) e *virola* ou *ucuúba-branca* (*Virola surinamensis* (Rol.) Warb, 1988), porém a defumação feita com *mandioqueira* (*Ruizterania albiflora* Marcano Bert, 1988) foi diferente apenas para a sardinha. ⇒ *Virola Surinamensis* que eu encontrei na praia. (**Ucuúba Branca**). **SIN. UCUÚBA, UCUÚBA-CHEIROSA, UCUÚBA-DE-IGAPÓ, UCUÚBA-DA-VÁRZEA, UCUÚBA-VERDADEIRA, ÁRVORE-DE-SEBO, VIROLA**

[http://www.pubvet.com.br/artigos\\_det.asp?artigo=172dc381.4shared.com/doc/ADqR\\_6kR/preview.html](http://www.pubvet.com.br/artigos_det.asp?artigo=172dc381.4shared.com/doc/ADqR_6kR/preview.html)

**UCUUBA-VERMELHA** [s.f.; pl. ucuubas-vermelhas; var. ucuuba vermelha] *Virola sebifera* ● Árvore nativa do Norte da América do Sul. Apresenta casca com seiva de coloração avermelhada folhas coriáceas; flores em panículas; e frutos ovoides, cujo endocarpo contém uma espécie de gordura de cor amarela clara, consistente, muito usada na fabricação de velas e sabões. → Também apresenta semelhança com a *V. sebifera*, conhecida como *ucuuba-vermelha* devido à seiva avermelhada da casca, da qual se diferencia por possuir seiva incolor. ⇒ Informações fidedignas bem colocadas, a casca da *ucuuba vermelha* tem também um valor olfativo muito bom. **SIN. ÁRVORE-DE-SEBO, BICUÍBA, BUCUVA, CANANGA, UCUUBA, UCUUBEIRA, UXICURUÁ, UCUÚBA-DO-CERRADO, GORDURA-DE-VIROLA**

<http://www.iepa.ap.gov.br/arquivopdf/itucubabranca.pdf>

<http://blog.multivegetal.com/ucuuba-fonte-de-beleza-e-saude-para-a-pele/>

REINO: ANIMALIA; FILO: CHORDATA; CLASSE: REPTILIA  
ORDEM: SQUAMATA; FAMÍLIA: BOIDAE (SUBORDEM: OPHIDIA)

**JIBOIA-VERDE** [s.f.; pl. jiboias-verdes; var. jiboia verde] *Corallus caninus* ● Serpente amazônica de aproximadamente 2,2 m de comprimento, que apresenta corpo de coloração verde na região dorsal com listras transversais branco-amareladas, e região ventral amarela. É uma espécie constritora, não peçonhenta e de hábitos arborícolas e noturnos. Alimenta-se de roedores, pequenas aves e répteis. → Pode-se também encontrar o *jacaré-tinga* (*Caiman crocodilus*), o *jacaré-açu* (*Melanosuchus niger*), as cobras *surucucu* (*Lachesis muta*) e *jibóia-verde* (*Corallus caninus*), além de cinco variedades de rãs. ⇒ Cobra papagaio, periquitambóia, *jibóia verde* ou *Corallus caninus* exibindo seu look para a copa do mundo. **SIN. COBRA-PAPAGAIO, JIBÓIA-DA-AMAZÔNIA, ARABÓIA, ARARAMBÓIA, ARAUEMBÓIA, BOA, BOA-ARBORÍCOLA-ESMERALDA, PERIQUITAMBÓIA, PÍTON-VERDE-DA-ÁRVORE**

[http://www.livrosgratis.com.br/arquivos\\_livros/mre000041.pdf](http://www.livrosgratis.com.br/arquivos_livros/mre000041.pdf)

<http://cunhabio.blogspot.com.br/2010/05/cobra-papagaio-periquitamboa-jiboia.html>

**JIBOIA-VERMELHA** [s.f.; pl. jiboias-vermelhas; var. jiboia vermelha] *Epicrates cenchria cenchria* ● Serpente encontrada na Venezuela, Guianas, Peru e na região amazônica do Brasil. De aproximadamente 2,2 m de comprimento, apresenta dorso pardo-avermelhado com manchas negras e ventre amarelado. Alimenta-se de roedores, lagartos e pequenas aves. Não é peçonhenta e é muito utilizada como animal de estimação devido a sua beleza. → Moradores do Povoado Rajada, próximo ao município de Carnaúba dos Dantas, encontraram na manhã desta terça-feira (4), uma cobra do tipo salamanta, conhecida também como *jiboia vermelha*, medindo 2.20m. ⇒ Ela também é conhecida como *Uaçubói* e *Jiboia Vermelha*. Ela tem várias Cores pelo Corpo, como Vermelho, Preto e Branco. **SIN. SURUCUCU-DE-FOGO, SALAMANTA, SUAÇU, UAÇUBÓI**



[http://www.dnonline.com.br/app/noticia/cotidiano/2011/10/04/interna\\_cotidiano,82420/cobra-com-mais-de-dois-metros-e-encontrada-no-interior-do-rn.shtml](http://www.dnonline.com.br/app/noticia/cotidiano/2011/10/04/interna_cotidiano,82420/cobra-com-mais-de-dois-metros-e-encontrada-no-interior-do-rn.shtml)

<http://brunochavesanimais.blogspot.com/2011/10/salamanta.html>

## A questão da univocidade na Biologia: a homonímia e a polissemia

O princípio de homogeneidade caracterizou por muito tempo as unidades lexicais especializadas que eram vistas como uniformes, atemporais, associadas e neutras ideologicamente. De fato, as terminologias sempre foram particularizadas pela precisão conceitual tão requerida para o intercâmbio comunicacional entre especialistas de diversas áreas ao redor do globo.

Entretanto, como bem assinala Krieger (2001), os itens lexicais especializados não são constructos ideais e homogêneos restritos à comunicação dos especialistas. Ao contrário, elas são elementos constitutivos das linguagens naturais, estando presentes no nosso dia a dia e, por isso, são passíveis de toda forma de variação.

No campo da Biologia, é comum encontrarmos uma mesma EC que denomine diferentes espécies, pertencentes tanto à mesma família, porém a gêneros diferentes, quanto a famílias diversas. Segundo Quicke (1996), isso ocorre quando pesquisadores utilizam o mesmo nome científico para denominar diferentes táxons, o que se dá pelo fato de eles tentarem expressar as características físicas dos animais por meio do vocabulário latino ou grego, o que torna provável a utilização da mesma palavra.

Dessa forma, no decorrer dessa pesquisa, consideramos como caso de polissemia, isto é, “formas que apresentam ao menos um sema em comum” (ZAVAGLIA, C.; ZAVAGLIA, A., 2002, p. 241), a expressão *CAMBUÍ-ROXO*, que faz referência tanto à espécie *Eugenia candolleana* quanto à espécie *Myrtus rubra*, ambas pertencentes à família Myrtaceae, e que, portanto, apresentam algumas características em comum.

Tais casos são registrados no dicionário na mesma entrada, porém aparecerão dentro do verbete separados pelo gênero ao qual pertencem, numerados e seguidos pela definição e pelo contexto. Optamos pela presença do contexto em apenas uma das acepções, devido à dificuldade de se encontrar um exemplo adequado em que figurasse tanto o cromônimo quanto o nome científico, informação esta essencial para a distinção da espécie.

Como exemplo, citamos:

ORDEM: LAURALES; FAMÍLIA: LAURACEAE

**CANELA-AMARELA** [s.f.; pl. canelas-amarelas; var. canela amarela] **1.** *Nectandra lanceolata* (Nees & Mart.), *Nectandra leucantha*, *Nectandra oreadum*, *Nectandra pichurim*, *Nectandra puberula*, *Nectandra weddellii*, *Ocotea pichurim*, *Cryptocarya moschata* ● Árvore endêmica da Mata Atlântica, de médio porte que não ultrapassa os 25 m de altura e 90 cm de diâmetro. Sua madeira foi muito usada durante décadas no Brasil na confecção de aberturas, (portas e janelas) por ser uma madeira muito resistente e de fácil manejo. Por consequência, hoje quase não se encontra espécie adulta desta árvore, já que leva em torno de 25 a 35 anos para atingir seu auge. → *Caso do pirapitinga, peixe que se alimenta das sementes da canela amarela, árvore que na região de Visconde de Mauá ocorre em 90% da mata ciliar.* ⇒ *A canela amarela e a canela preta fizeram parte da vida de muitos brasileiros que se quer tiveram conhecimento, serviram de assoalhos e tetos durante anos.* **SIN. CANELA-DA-VÁRZEA,**

**CANELA-FEDORENTA, CANELA-LOURO, CANELA-VERMELHA, ESPORA-DE-GALO 2.** *Nectandra ambigua* ● Árvore nativa do Brasil, podendo ser encontrada em todo o país. De aproximadamente 10 m, apresenta madeira de coloração amarelada; folhas coriáceas; flores aromáticas de coloração branco-amareladas; bagas ovoides; raiz de casca amarga e tônica. Sua madeira é muito utilizada na marcenaria e carpintaria. **SIN. CANELA-SECA 3.** *Ocotea diospyrifolia* ● Árvore nativa da Argentina, Bolívia, Paraguai e Brasil, ocorrendo nas regiões centro-oeste, sudeste e sul do país. Pode ser encontrada em florestas estacionais semidecíduais, florestas ciliares e em várzeas. Tal espécie é típica de formações abertas, principalmente em matas de galeria e savanas úmidas. De aproximadamente 10 m de altura, apresenta casca tanífera; suas folhas são coriáceas; as flores são suavemente perfumadas e em panículas piramidais; as bagas são globosas. Sua madeira é de boa qualidade, sendo muito utilizada para postes e tábuas de assoalho. **SIN. CANELA-BARAÚNA, BATALHA, CANELA, LOURO-AMARELO, CANELA-LOURO, CANELÃO, CANELÃO-DE-MÓVEIS, CANELEIRO 4.** *Ocotea aciphylla* (Nees) Mez, *Aydendron Tenellum* ● Árvore nativa do Brasil, ocorrendo principalmente nos estados do Amazonas, Minas Gerais e São Paulo, de aproximadamente 20 m. Apresenta folhas esparsas, flores brancas em panículas terminais e casca aromática. **SIN. LOURO-AMARELO, CANELA-AMARELA-DE-CHEIRO, CANELA-BRANCA, CANELA-POCA, CANELA-PORCA, CANELA-PORCA, LOURO-AMARELO-DE-CHEIRO, LOURO-INAMUÍ-DA-TERRA-FIRME**

<http://www.viscondeesconde.com.br/historias01.asp?pp=101>

<http://canelasecanelas.blogspot.com.br/>

Do mesmo modo, consideramos como caso de homonímia, isto é, “formas que possuem mais de um significado para um mesmo significante” e que possuem ao menos um traço semântico distintivo (ZAVAGLIA, C.; ZAVAGLIA, A., 2002, p. 241), a expressão *BRANCA-URSINA*, que faz referência à espécie *Acanthus mollis* da família Acanthaceae e à espécie *Heracleum sphondylium* da família Apiaceae. Uma vez que não pertencem à mesma família, e por isso não compartilham de traços distintivos comuns, são consideradas como formas homônimas.

Tais casos serão registrados em entradas separadas e incluídas dentro das respectivas famílias, constando do final do verbete uma remissiva que fará referência à outra espécie, como pode ser observado a partir do exemplo a seguir:

ORDEM: APIALES; FAMÍLIA: APIACEAE

**BRANCA-URSINA** [s.f.; pl. brancas-ursinas; branca ursina] *Heracleum sphondylium* ● Planta nativa da Europa que pode chegar a 1,5m de altura. Apresenta caule longo e rígido; folhas verde-acinzentadas grandes e recortadas; flores brancas agrupadas em umbela. → Há uma grande confusão a respeito do nome “*Branca ursina*” usado popularmente para designar duas plantas diferentes: *Heracleum sphondylium* e *Acanthus mollis*. ⇒ Em Portugal a espécie da mesma família é a *Heracleum sphondylium* L., também conhecida como *Branca-ursina*. **SIN CANABRÁS, ESFONDILIO V. BRANCA-URSINA, família Acanthaceae**

[http://www.cesaho.com.br/biblioteca\\_virtual/arquivos/arquivo\\_212\\_cesaho.pdf](http://www.cesaho.com.br/biblioteca_virtual/arquivos/arquivo_212_cesaho.pdf)

[http://www.proz.com/kudoz/english.../2277115-giant\\_hogweed.html](http://www.proz.com/kudoz/english.../2277115-giant_hogweed.html)

**BRANCA-URSINA** [s.f.; pl. brancas-ursinas; var. branca-ursina] *Acanthus mollis* ● Planta herbácea originária da região mediterrânea. De aproximadamente 2 m de altura, apresenta grandes folhas de cor verde escuro e flores tubulares de cor branca, lilás ou rosa com espinhos verdes ou arroxeados, surgindo acima da folhagem. Floresce no final da primavera ou início do verão. Ela cresce em áreas secas, e é tolerante à seca e à sombra. Suas folhas, flores e raízes apresentam propriedades medicinais, como: adstringente, analgésico, antidiarreico, anti-inflamatório, expectorante, laxante e cicatrizante. → *Os sintomas seguintes erradamente foram incluídos na versão anterior do Radar como pertencentes a esta planta devido ao o nome popular Branca ursina ser usado para duas espécies diferentes.* ⇒ *Popularmente é conhecida por Acanto, erva gigante e branca-ursina. É uma herbácea vivaz e robusta, originária da região mediterrânica.* **SIN. ACANTO, ACANTO-NEGRO, ERVA-GIGANTE, PÉ-DE-URSO, GIGANTE, ACANTO-MANSO** v. **BRANCA-URSINA**, *Família Apiaceae*

[http://www.cesaho.com.br/biblioteca\\_virtual/arquivos/arquivo\\_212\\_cesaho.pdf](http://www.cesaho.com.br/biblioteca_virtual/arquivos/arquivo_212_cesaho.pdf)

<http://mariapuresa.blogspot.com/2011/10/acanto-ou-branca-ursina.html>

### Considerações finais

Como dito no início deste texto, o dicionário, além de ser o acervo da cultura de um povo, também é uma ferramenta fundamental para a transmissão do conhecimento, seja ele linguístico ou relacionado à realidade em que estamos inseridos. Engana-se, porém, aquele que tem a ilusão de que a composição de tais obras seja uma tarefa fácil. Antes, é um trabalho árduo que requer do lexicógrafo disciplina, persistência e foco. Procuramos descrever a metodologia adotada para o *Dicionário onomasiológico de expressões cromáticas da fauna e flora*, projeto de doutorado já concluído que teve como objetivo complementar o mercado das obras de referência, registrando essa fatia especial do léxico e, além de tudo, examinando como as ECs colaboram para a ampliação do léxico da língua portuguesa.

### REFERÊNCIAS

- AMABIS, J. M.; MARTHO, G. R. *Conceitos de Biologia*. São Paulo: Moderna, 2001.
- BERBER SARDINHA, T. Que tipo de *corpus* é a Web? *Revista da ANPOLL*, v.1, n.15, p. 191-220, 2003.
- BERGENHOLTZ, H.; TARP, S. *Manual of Specialised Lexicography: The Preparation of Specialised Dictionaries*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1995.
- BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Linguística*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- CABRÉ, M. T. *La terminologia*. Teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/Empúries, 1993.

KRIEGER, M. G. Terminologia revisitada. In: KRIEGER, Maria da Graça, MACIEL, Anna Maria Becker. (Org.) *Temas de Terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001, p. 47-60.

QUICKE, D. L. J. *Principles and Techniques of Contemporary Taxonomy*. 2. ed. London: Blakie Academic Professional, 1996.

ZAVAGLIA, C.; ZAVAGLIA, A. A elaboração de um dicionário trilingüe temático de cromônimos italiano-português-francês/francês-português-italiano: reflexões e considerações. *Linguística*, São Paulo, v. 12, p. 235-247, 2002.

ZAVAGLIA, C. *Sistematização crítica em Lexicografia e Lexicologia*. São José do Rio Preto, 2009. 92f. Tese (Livre-docência em Lexicologia e Lexicografia) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto.

## DICIONÁRIOS

CARVALHO, C. T. de. *Dicionário dos mamíferos do Brasil*. 2. ed. rev. São Paulo: Nobel, 1979.

CORRÊA, M. P. *Diccionario das plantas uteis do Brasil e das exóticas cultivadas*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1926.

CRUZ, G. L. *Dicionário das plantas úteis do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 7.0*. 5. ed. Curitiba: Positivo Informática Ltda., 2010.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Objetiva, 2009.

PEREIRA, A. B.; PUTZKE, J. *Dicionário brasileiro de botânica*. Curitiba: CRV, 2010.

TIERNO, J. C. *Dicionário zoológico: contendo, por ordem inversa, todos os termos registrados nos dicionários mais correntes da língua portuguesa*. Lisboa: Tertulia Edípica, 1954.